LISBOA — QUINTA-FEIRA, 21 DE JULHO DE 192*

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 91 — 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

O "DIARIO DE LISBOA" EM MADRID

Uma entrevista com D. Santiago Alba

O problema espanhol — A liberdade de um povo — A crise industrial —Dois portugueses—Relações luso-hispanicas—O futuro da Peninsula

Principe Vergara, 78...

E o automovel abalou rápido, os pulmões respirando fogo, percorrendo «calles» e «carreras», lizas para o transito, marginadas por predios de sólida compostura burgueza, em cujas janelas, de vez em quando, aparecia um lindo rôsto, em que cantava o amôr e a graça de Castela.

A pouco e pouco o casario principiou a rarear, entrando nós nas avenidas novas de Madrid, bastante parecidas com as nossas: um passeio ao meio, dividindo duas ruas, separadas das habitações pelos «trottoirs». Arvores: acácias, plátanos e ulmos. O ar é fresco e uma tenue viração sopra de largo.

A distancia, provavelmente á margem de qualquer regato, alinham-se alguns choupos, intensamente verdes, erguendo no espaço, duma viva pureza matinal, em que a luz se irisa e palpita alegremente como um corção juvenil, o recorte sobrio dos seus perfis medidativos.

Subitamente, o automóvel parou.

Estamos em frente do portão da moradia de D. Santiago Alba, chefe da esquerda liberal, advogado de grande nome, antigo ministro da Instrução, Fazenda e Interior, orador dos mais brilhantes e um dos homens em quem mais fogosa vive a esperança duma nova Espanha.

—O sr. D. Santiago Alba está?

—Sim, senhor. Queira entrar...

Atravessamos uma álea de jardim que separa a residencia do ilustre politico de uma espécie de pavilhão, onde trabalha só ou com os advogados seus colaboradores, recebe visitas, se entretem com os seus amigos e partidários. Numa pequena sala, cujo sobrado uma esteira cobre, esperámos alguns minutos.

Cravos e rosas amarelecem num vazo. Uma sardinheira estuda numa fresta a arte de empalidecer romanticamente. Lampadas de nicho de santo suspendem-se no ar. Figuras de bemaventurados sorriem-nos em estampas desbotadas.

Numa estante, suspensa na parede, vemos muitos volumes encadernados em velho pergaminho, na lombada dum dos quaes se lê o nome de S. Jerónimo. Devoção ou exibição? preguntamos a nós próprio. E quando buscávamos uma resposta, sômos conduzidos á presença de D. Santiago.

O seu gabinete de trabalho denuncia hábitos em que o gôsto e a severidade se temperam sem a mais leve dissonancia. Côres esmaecidas em tudo: sómente nalguns móveis o damasco põe a nota vibrante e solene da sua pompa.

D. Santiago está bem no seu interior.

O seu riso é luminoso e franco, o seu gesto acolhedôr. Respira força, bonhomia e pensamento. A barba, com alguns [illegible] brancos, o olhar calmo e firme, a bôca sensual, a fronte ampla, denunciando imperio e decisão.

Nas suas primeiras palavras, há uma maneira simpática de conquistar a atenção do estrangeiro, que rápidamente expõe o fim da sua visita.

—Vem mesmo de Lisboa?

—Sim, senhor. Vim a Madrid para conhecer a situação da Espanha, tal qual a encaram os seus «próhombres», sendo V. Ex.ª um dos que mais ardentemente desejo ouvir. O *Diário de Lisboa*, um periódico novissimo, mas com uma curiosidade arvéloa, publicará as notas e sublinhados desta reportagem, para entretenimento e proveito dos seus leitores.

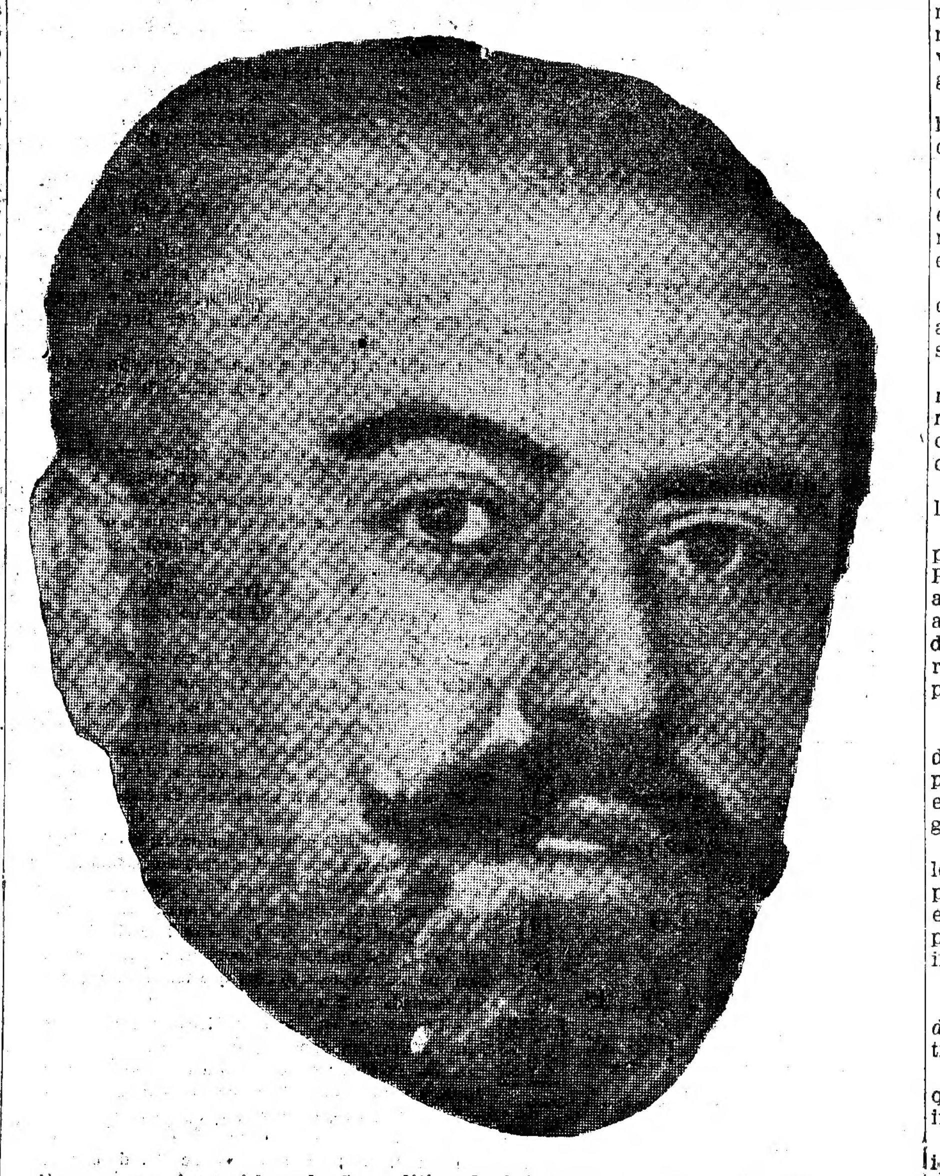
—Pois com muito gôsto vou dizer-lhe o que penso. Já em tempos fui entrevistado por um redactor do *Seculo*, que soube traduzir, com verdade, as impressões da nossa palestra.

—Esteja certo que desta vez tambem se não há de arrepender de comunicar com um jornalista portuguez.

—Assim o creio. E para começar, diga-me se compreende bem o espanhol ou se nos serviremos do francez.

—Se me permite, V. Ex.ª usará a sua lingua, que eu tanto gosto de ouvir, e eu falarei a minha, que nasceu no mesmo berço da sua. O francez seria para nós dois um intermediário demasiado frio e inexpressivo.

—Seja assim. Asseguro-lhe que aprecio



muito o seu paiz, cuja evolução politica sigo com atenção. Sou amigo de Bernardino Machado, tão culto e tão afável. Fui eu que fiz que se concedesse a Cruz de Carlos III a Afonso Costa.

«Como ministro do Interior do gabinete Canalejas, trabalhei frutuosamente, para que os monárquicos portuguezes que, na fronteira da Galiza conspiravam, fôssem internados em povoações menos raianas. Augusto de Vasconcelos sabe bem os auxilios que lhe prestei...

—E' V. Ex.ª partidário dum maior convivio entre os dois paizes, a fim de que cesse a quási indiferença com que se olham?

—Sem duvida. Sou mesmo de opinião que se envie a Portugal uma grande deputação de politicos, artistas, escritores, industriaes, comerciantes e agricultores, para que estudem «de visu» e demoradamente, Portugal, em todos os aspectos da sua vida politica, económica, mental e social.

«Seguidamente viria até nós uma deputação egual de portuguezes, com o mesmo nobre propósito. Isto resultaria tanto mais interessante e util que, estando prestes a revogação dos nossos tratados de comercio, as duas partes colheriam assim elementos para se negociar um, entre Portugal e Espanha, em que se encontraria maneira de remover certas divergencias de interesses, bastante renitentes.

«O problema das comunicações terrestres tambem necessita um exame demorado, porque é até dele que depende em grande parte o estreitamento de relações.

—Em Portugal, fala-se muito de V. Ex.ª, mas receio que nem sempre se compreende bem a sua posição na politica espanhola...

—Natural é que assim seja, pois que isso se dá frequentes vezes mesmo aqui. Constituo, com os meus amigos, a extrema esquerda dinástica. Quero que o meu paiz se eduque plenamente para a liberdade. Mantenho-me nesta orientação em acôrdo com os outros chefes do partido liberal, a começar em D. Melquiades Alvarez.

—Poderá a crise actual do partido conservador conjurar-se fácilmente?

—Não me parece, embora tenha homens prestigiosos. A Espanha precisa renovar-se, acompanhar o movimento civilizador dos outros povos. Ora os conservadores que se acham divididos não têm o espirito necessário para empreender esta obra tão difícil e tão delicada...

—Visto isso, o actual governo está um pouco fóra das aspirações do momento?

—Não tenha duvida. Formou-se depois da morte do saudoso Dato, para acudir a necessidades urgentes. Não o entendeu assim, porém. Vive ao acaso, sem programa, sem um largo plano de reformas. Como os acontecimentos podem mais que a vontade dos homens, brevemente outras gentes hão de tomar posse do poder.

—Mas isso não será um regime de instabilidade ministerial, tão funesto á vida dos povos?

—No dia em que se forme um governo que governe, mas no verdadeiro sentido da palavra, dando aos verdadeiros problemas as justas soluções, tudo será estável e firme.

—A crise industrial, económica e financeira que agora atinge a Espanha não ajudará a explicar dadas incertezas e hesitações da sua politica?

—Há politicos que afirmam isso, mas não é exacto. Pelo contrário: urge chamar quem possa defrontar-se com as dificuldades da hora, que corre, terminando com todos os equivocos.

«A Espanha quer realidades e não palavras.

«Se em 1916 tivessem sido postas em prática todas as medidas que levei ao Parlamento, a industria espanhola não atravessaria agora um periodo de tantas amarguras. Infelizmente, os interesses feridos, ergueram-se cegos contra mim. Agora choram lágrimas vans e porventura pouco sinceras.

—Quaes as causas da crise industrial?

—Com a alta dos salários e a carestia das materias primas e subsidiárias, a produção não póde fácilmente manter-se em concorrencia com a industria estrangeira.

«A questão social, sobretudo em Barcelona, alimenta-se copiosamente com esta perspectiva ameaçadora. Se providencias energicas e inteligentes não fôrem adoptadas a tempo, todas as repressões serão inuteis.

Convém frisar aos leitores do *Diário*

«Convém frisar aos leitores do *Diário de Lisboa* que a crise industrial está intimamente ligada á agitação sindicalista.

—Barcelona, com os crimes constantes que lá se dão, parece, no entanto, querer ir mais além...

—E' claro, há uma propaganda, um idealismo perturbador. Tudo, porém, asserenará, apenas a industria se equilibre e regularize. Entendo que os sindicatos devem viver juridicamente, como entidades capazes de ter uma vontade, uma acção livres. O regime clandestino da sua organização é que dá azo ás violencias de agora.

«No dia em que possam, sem peias nem entraves, abrir as suas portas para a rua, preocupados unicamente com a defeza dos interesses profissionaes, Barcelona reencontrará a normalidade da sua vida. Querer resolver por sufocação, por tirania cesariana, um problema desta espécie, o mesmo é que dar azas ao mal que se pretende assinalar!

J. M.

MAGAZINE

Penas de pavão

Algumas das nossas elegantes que têm apresentado chapeus enfeitados a penas de pavão, ignorem o medo supersticioso que ás francesas elas infundem, a tal ponto que lhe não podem suportar a vista ou, superiores ao medo, tornaram-nas em porte-bonheur—como fizeram ao numero 13?

Mas se as francesas temem a vizinhança das penas de pavão nem em todos os povos acontece o mesmo.

Um velho que recebeu esmola de uma senhora, na mesquita de Agra, ofereceu-lhe um soberbo leque de plumas de pavão, dizendo-lhe: «Ha de dar-te felicidade!»

E a mesma senhora, mais tarde em Rangoum, viu no *Pagode do Ouro*, gloria do lugar, uma pintura extraordinaria em que o Deus Sol, sob a forma de pavão, puxava um carro de oiro.

O pavão é a ave sagrada dos Bermese que, na sombra dos santuarios, depõem ofertas das penas onde ainda vinham os olhos de Argus.

Desarmamento e armamento

A America convoca o mundo ao desarmamento geral e no entanto procura por toda a parte, escava, revolve, paga a peso de ouro todas as armas que encontra, sobretudo as da Europa.

Mas não temam, pois não se trata de metralhadoras nem espingardas; não contente com as obras de arte, os colecionadores americanos, numa febril mania, adquirem agora todas as couraças, elmos, capacetes, viseiras, arneses, lanças, arcabuzes, armaduras completas, artilharia primitiva que encontram na Europa, testemunhas dos torneios da Idade Media, das lutas e descobrimentos do Idade Moderna.

Lá foram para a America, uma armadura feita pelo fornecedor do Augsburgo para a côrte de Espanha, outra fabricada em Greenwich, uma das 47 peças de artilharia que fortificavam a Torre de Londres á hora da morte de Henrique VIII, um arcabuz com incrustações de marfim, representando batalhas do Velho Testamento, trabalho alemão do seculo XVI, etc.

A continuarem assim, os americanos acabarão por levar a Europa em massa...

Crocodilos em Versailles

Um dia destes uns fabricantes de films levaram para o jardim de Versailles uma colecção de autenticos crocodilos e colocaram-nos em volta do lago do *Petit Trianon* para obterem a sua fantastica fita.

Como no fim se encontrassem fatigados foram descansar e refrescar-se, deixaram sosinhos os crocodilos. Estes que, naturalmente estavam tambem cansados e resolveram tomar fresco mergulhando na vasa do lago.

Chegou de aí a pouco um batalhão de soldados para tomar banho.

Entram na agua... mas dentro em pouco grande panico e gritaria; no auge do espanto bradam:

— Meu sargento, meu sargento! Aqui ha crocodilos!

— O quê? crocodilos em Versailles?

Era verdade! E abandonaram em debandada.

Depois dos militares veiu um pensionato.

— Eh! grita um pequeno, olhem que grandes bichos!

— São crocodilos!!...

Felizmente chegaram os actores que tiveram muito trabalho em meter na ordem uns bichos, que já iam adquirindo a perigosa consciencia de que tinham voltado ao Nilo.

Crise de habitação

Aconteceu em Paris que um condenado a um mês de prisão apelou do julgamento e foi posto provisoriamente em liberdade.

Passados dias apareceu ao carcereiro e, com cara de triste arrependimento, pediu-lhe que o deixasse cumprir a sua pena.

—Mas v. não foi posto em liberdade? E' natural que seja absolvido, para quê vir cumprir a pena adeantadamente.

—E' que... eu desde que saí daqui procuro uma casa, um quarto, seja que alojamento fôr e não encontro nada. Ao menos aqui tenho casa e comer...

Foi-lhe deferido o pedido e dada uma cela ao pé da de Landur.

Consolai-vos, infelizes, que procurais em vão uma casa!

Ainda nenhum de nós foi obrigado a procurar alojamento de sociedade com Barba-Azul...

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico -- CALVEZES-MARCO

Escritorios: Nas termas. / Em Lisboa -- R. de S. Nicolau, 88, 2.°

Chegwin, Moura & C.ª L.da

CASA BANCARIA

103, Rua Aurea, 105

DEPOSITOS	Ordem	3 meses	6 meses	12 meses
	4 1/2 0/0	5 0/0	6 0/0	7 0/0

Correspondentes em todo o país e estrangeiro. Saques, ordens de bolsa, transferencias e todas as operações de banco em geral

Telegramas «TOM» Telefone Central 3033

103, RUA AUREA, 105

TEATROS

AS "PREMIÈRES" DE ONTEM

NO S. LUÍS—"Mulher Artificial", op. fant., 3 actos e 9 quadros, de Arniches e Abati, musica de Pablo Luna, adaptação de Acacio Antunes

O S. Luiz inaugurou ontem a epoca de verão com a *Mulher artificial*, a que chamaram opereta fantástica, 3 actos e 9 quadros que dificilmente se póde acreditar que tenham saido da pena de Arnices e Abati—dois autores que já têm uma reputação firmada neste género de teatro. Caprichou a empreza do S. Luiz—e não lhe devia ter saido barato o capricho—em apresentar a *Mulher artificial* o mais dourada possivel, não se poupando a despezas para deslumbrar o publico com pequenas novidades de montagem e uma certa riqueza de côr—que se perdem em meio da sensaboria que atravessa a peça do primeiro ao ultimo quadro.

Importa saber se aquilo é assim no original, ou se a adaptação de Acácio Antunes não corresponde aos méritos da obra. O entrecho da *Mulher artificial*, que tem a sua originalidade, perde-se naqueles nove quadros, como um fio de agua em terra estiolada.

E depois é vêr como aquela figuração anda divorciada da graça, do ritmo, do encanto que um bom corpo de baile podia emprestar a uma obra daquele género.

O desempenho não é bom, nem é mau, antes pelo contrário. Joaquim Costa, um nome que enche um cartaz, não teve ensejo de brilhar. António Gomes, actor predilecto do publico de revista, citou bem o touro no 2.º acto, que não lhe deu tempo a mostrar as suas habilidades de toureiro de «cartel». Laura Costa é uma figurinha elegante, graciosa, uma oleografia de côres berrantes—fabricada por mão de mestre.

São estes os três nomes que aparecem maisculado no cartaz. Há ainda, em letras mais pequenas, Maria Soler, Emilia Costa, Honorina Cruz, Eduardo Raposo, etc., etc.

A musica é agradável e a direcção musical de Wenceslau Pinto para ser elogiada. Os scenários acusam um certo progresso, especialmente o do Inferno, muito aceitável como Inferno. Os efeitos de luz, de Carlos Simões — sobretudo a agua daquela piscina—merecem ser incondicionalmente elogiados.

O publico levou a sua resignação a vêr e ouvir da primeira á ultima linha.

NO POLITEAMA—"Avé-Maria", opereta em 3 actos, de Augusto Novelli, com musica de Angelo Bettinelli, tradução de Acacio Antunes

Anunciava ontem o cartaz do Politeama: «Avé-Maria», opereta em 3 actos, de Augusto Novelli, musica de Angelo Bettinelli, tradução de Acacio Antunes. Pelos ii de que estão cheios os nomes dos autores, o leitor arguto, vislumbra logo que a operetazinha é italiana e que deverá ter uma musica leve, salpicante, com murmurios tyrrenicos e sentimentalidades de lazaronnis. E' mesmo a unica coisa que se salva na opereta... Não! O primeiro acto tambem é aproveitavel. Tem acção, interêsse, novidade. Sae do vulgar, da dansa acrobatizada e infalivel usada neste genero de teatro. Aquele final em que se vêem as silhuetas dos artistas, detraz dos vidros de uma casa, discutindo, chorando, tocando e comendo, arranca um sorriso de simpatia ou mesmo uma gargalhada sincera.

O segundo acto é mau; o terceiro, mau é. A acção perde-se, os interpretes dormem ou esganiçam-se em duetos de vocalização duvidosa. A opereta poderia terminar no primeiro acto. O resto já se sabe: é o casamento infalivel, a paz familiar e a «Avé-Maria» de Gounod, tonitruada com todas as veras da alma pela senhora Rachel de Barros. Vamos á interpretação. Antes, porêm, é bom dizer que o desempenho em conjunto é bom, mas unicamente bom. De resto, aquilo leva-se com uma perna ás costas. Nenhum papel de responsabilidade, nenhum papel que requeira inteligencia ou estudo. E' uma opereta para os amadores do club Taborda.

Luiza Satanela cantou um pouco, não dansou nada, — ela que gosta tanto de dansar! — Fez de menina esperta e comilona, com aquela graça, com aquela intenção e com aquela perfidia, que a tornam querida de todos nós. Maria Santos foi uma mãe de pedra, faca e calhau, pouco dada a romantismos. Se, no opereta? Rachel de Barros, no seu papel está errado, não o fez por o emendar. Seria para se amoldar á rubrica da opereta? A Rachel de Barros, no seu papel de Maria, papel que é um pretexto para cantar em todas as circunstancias e em todas as situações, não foi mal. No entanto, nós já vimos esta actriz representar e cantar melhor. Os senhores não se lembram? A sua voz é muito aguda, por vezes, a sua estridencia rasga-nos a alma a punhal. Depois tem atitudes de cinematografo, mas de cinematografo acolá do Loreto!... O sr. Alves da Silva enferma do mesmo mal quanto á voz. Artificializa-a ainda mais que a sr.ª Rachel de Barros. Ao que parece, é um actor querido do publico. Os gostos não se discutem! Amarante brilhou pouco. Coros sofriveis. O scenario do primeiro acto é agradavel; o segundo, que aparece no terceiro, é horrivelmente verde. E' mais uma piscina de que um scenario.

Entre nós

Consta que a empresa que actualmente explora o Eden-Teatro vai ceder essa exploração a outra empresa que ali fará a temporada de Agosto e Setembro com alguns artistas que fazem parte da actual companhia e outros que se lhe juntarão, entre eles Alberto Ghira.

Neste caso a revista «Tric-Tac» ficará reservada para a proxima epoca de inverno naquele mesmo teatro.

—A ultima palavra sobre o teatro de S. João, do Porto: a futura temporada será preenchida sucessivamente pelas companhias Palmira Bastos e Rey Colaço-Robles Monteiro, até o fim de Fevereiro. Em Março debutará a companhia lirica, sendo provavel que a seguir ali se exiba a companhia Lucilia Simões e mais tarde a de opereta da empresa Vasconcelos, Lim.ª

—Parece que já não subirá á scena, no Apolo, o novo arranjo da revista «A' procura do badalo».

—Vai ser dissolvida, no Rio de Janeiro, a companhia Cremilda de Oliveira, que reaparecerá com uma nova organização na revista «Aqui de el-rei», que vai ser posta no teatro Republica, daquela capital, com o mesmo aparato com que foi primitivamente representada no Eden.

—Consta que a companhia Alves da Cunha pensa abrir a proxima época de inverno em um dos teatros do Porto, só regressando a Lisboa em meados de Novembro, estreando-se então no Gimnasio com o drama historico, em verso, «D. João de Castro».

—Há um grande entusiasmo pela «reprise», em récita unica, da peça «Fed a» que a 29 d corre t vai realizar-se no Avenida, para festa do actor Francisco Judicibus.

—A companhia Satanela-Amarante tenciona pôr em scena a opereta «Fi-Fi», que se representa actualmente no Bouffes-Parisiens, de Paris.

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

Reclamos

S. CARLOS—Realiza-se ámanhã neste teatro a recita de homenagem a Carlos Selvagem com a 15.ª da peça «Entre giestas». E' uma gentileza da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro para com o novel mas distinto dramaturgo, visto «Entre giestas» ter subido á scena ha três anos, noutro teatro. Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro quizeram, porém, prestar esta homenagem a Carlos Selvagem, praticando assim uma gentileza que decerto irá calar no animo do publico. «Entre giestas» repete-se hoje.

S. LUIZ—Foi um dos mais entusiasticos sucessos a noite do S. Luiz, que inaugurou a sua epoca de verão com a opereta fantastica «Amulher artificial», deslumbrantemente posta em scena.

Espectaculos

S. CARLOS—A' 21,30—«Entre Giestas».
NACIONAL—A's 21,15—«Amor de perdição».
S. LUIZ—A's 21—«A mulher artificial».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«Porto, tantos de tal».
AVENIDA—A's 21,30—«Os conquistadores».
POLITEAMA—A's 21,30—«Avé Maria».
EDEN—A's 21,30—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21-30—Variedades. Campeonato internacional de luta.

CHIADO TERRASSE—A's 9—Animatografo e variedades.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «A Rosa do Jardim».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.
SALÃO DOS ANJOS—A's 21,30—Cinema e variedades.

21 DE JULHO DE 1830

O ANIVERSARIO DA INDEPENDENCIA BELGA

Ce n'est qu'un bout de sol dans l'Infini du monde.
Ce n'est qu'un peu de terre avec sa mer au bord.

Verhaeren

Et le poète patriote dans une vibration profonde et sonore où toute sa race te d'evoite et s'impose, simplement et doucement chante l'épopée tragique et touchante du peuple d'honneur, du roi soldat, de la Reine d'amour et de la terre petite et étroite où féconde encore la bravure des preux d'antan, où se maintient la parole donnée au prix de la Ruine, de la Désolation, de la Mort.

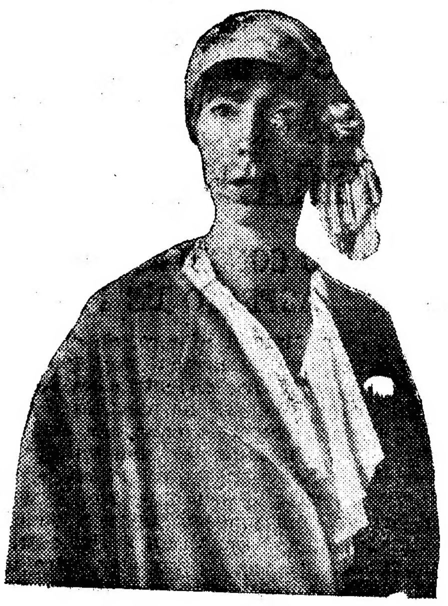
De sang généreux qui a coulé volontairement pour le droit, pour la liberté, c'est le même sang versé en 1830, avec le même enthousiasme, la même foi dans un élan d'independance et de liberté.

Em 1815 le traité de Vienne avait fait disparaître les provinces belges reunies sous Napoléon I à l'empire français.—Ces provinces furent attribuées à la Hollande et ainsi fut constitué le royaume des Pays-Bas.

—La Belgique se trouva encore plus humiliée, quand les grandes puissances de l'Europe déclarérent que les forteresses de la Belgigue pourraient etre ocupées dans des conditions déterminées, en cas de guerre avec la France, par la Prusse ou par l'Angleterre.

Mais, ce peuple si assoiffé d'indépendance, cette race si étonnaute qui toujours contrariée a dû subir des jougs si divers, et qui malgré le contact l'assimilation, l'oppression parfois, sést si, bien conservée dégagée de toute contingence influente, étrangère à tout courant qui l'écarte de ses impulsions natives, ces belges qui se retrouvent tels quels dans toute leur histoire braves jusqu'á l'excès, généreux jusqú au sacrifice, loyaux jusqú'à l'abnégation, héroïques jusqu'à la mort, ces belges secouèrent la servitude au lendemain de la révolution de 1830 et, rompant le lien quí les unissait á la Hollande, la Belgique se proclama Etat indépendant reconquit, reprit sa souveranité et sa nationalité.

Rei Alberto I



Rainha Isabe

Ce fut ainsi que les cinq grandes puissances de l'Europe furent obligées de reconnaître l'indépendance de la Belgique par le traité du 13 Novembre 1831 et il est bon d'en rappeler ici l'article 7.

Article 7. La Belgique formera un Etat Indépendant et perpétuellement neutre.—Elle sera tenue d'observer cette neutralité envers les autres états.

Et l'article 25 edictait cette stipulation.

Article 25. Les Cours d'Autriche, de France, de Grande Bretagne, de Prusse et de Russie garantissent à sa majesté le roi des belges l'exécution de tous les articles qui précèdent.

Et, quand à l'intérieur du palais de la nation, après l'ultimatum du 2 Août 1914, le 4 Août 1914, quand le roi parla. Après avoir afirmé notre boyauté, notre droit, la justice de notre cause, Albert I.er évoqua le souvenir de nos pères de 1830, et lorsque le baron de Brocqueville annonça que le territoire était violé, à l'appel du roi héroique, l'union se fait spontanée, tous catholiques, socialistes, flamands wallous, radicaux et libéraux tous firent le serment de maintenir l'engagement des aïeux, tous jurèrent de mourir plutôt que de se flétrir.

1830, 1914, dates glorieuses pour la Belgique, pour le monde, pour toute la latinité vibrante, puissante et triomphante qui acclame, dans un rythme égal, l'éposée de notre race.

1830 donne l'indépendance définitive à la Belgique.

1914 lui donne la gloire.

Jeanne Rolin

ODE Á BELGICA

Do formosissimo poema com este titulo, do ilustre poeta João de Barros, transcrevemos os dois trechos que seguem:

Belgica formosa, Belgica fecunda, — Barbaros sem alma vão-te assassinar!

Na loucura torpe, que incendeia e mata, — sobre ti lançaram garras de ambição!

Sobre ti lançaram, corpo tenro e moço, — mãos de violencia, de exterminio e roubo!

As cidades claras, onde ria a vida, — são montões de cinzas, tumulos sem ar!

Uma rede fera de canhões e espadas — enegrece o encanto dos teus prados largos...

Nos teus bosques verdes, fluidos de neblina, — já não cantam aves: silvam só as balas!

E do céo tão claro, do teu céo discreto — chovem as granadas com fragor brutal...

Chovem as granadas, chovem, incessantes, — derramando mortes' semeando lutos!

— Belgica fecunda, já não tens pomares!... — Belgica formosa, já não tens beleza!

Já não tens beleza, já não tens, gloriosa, — a suprema graça do teu riso d'arte!

Ruem, cachoando, catedrais soberbas — cujas pedras rijas esculpira a fé!

E nos museus vastos, portos de chimera, — tremem as estatuas, ja se enublam telas...

Telas já se enublam, como receosas — de que os olhos ebrios da vitoria indigna

Possam poluir-lhes o fulgor eterno!

VI

Belgica formosa, vê que não tens lagrimas! — Belgica ridente, vê que não soluças!

A cidade morta guarda a tua dôr! — A cidade triste sofre o teu calvario!

Tu — caminha e luta; tu — combate e canta — Alma de coragem. — Alma de coragem. Força de triunfo!

Faltam as espadas? Tens amor e crença! — Faltam já as balas? Tens os corações!

Tu és a Justiça, que ninguem suprime! — Tu és a Beleza, que não é violada!

Tu és a Verdade que através de tudo — vence, vence, vence com tranquilo gesto!

Se não bastam dias para o seu triunfo — as semanas passam, elas o trarão!

Se as semanas passam, sem que um dia o tragam — vão seguindo os meses: — eles o conduzem!

Se não bastam meses, bastará um ano!... — Porque eu sinto, eu sinto que a vitoria é certa!

Que a vitoria é certa como é certo o Sol — Como é certa a Vida, como é certo o Amor!

— Belgica vencida, serás vencedora! — Belgica invadida, serás forte e pura!

E quando subirem, livres, as bandeiras, — desfraldando ao vento seu garrido emblema,

Has-de vêr, ó Terra de carinho e sonho, — que o pranto magoade da cidade morta

Será agua nova para os seus canais — agua impetuosa que procure o Mar!

Agua impetuosa que já leve os barcos — agua borbulhante, que desperte as almas!

Que desperte a gente para o bom trabalho — Para a faina alegre do passado antigo!...

Do Passado antigo, resurgindo emfim — emfim revivendo, com orgulho e febre,

Ao clangor vibrante da vitoria imensa — ao zumbido honesto de quermesse farta,

Que ha de ser em breve, Belgica formosa — Belgica fecunda, teu Futuro altivo!

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59
E' quem melhor veste as crianças

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

ENTREVISTA COM O SIMBOLO DA RAÇA

Vozes conhecidas me tinham dito que ele «posava» para a boca aberta do proximo, junto da Misericordia, em todos os dias de extracção.

Da sua vida sabia-se apenas que era um esfarrapado, abastecido a caldos e deci-litros, com uma ideia persistente chamada mania—a de se habilitar com «uma de quinze centavos» todas as vesperas de rodar de esferas na Santa Casa.

Um desleixado e um homem de espirito — um espirito de barriga para o ar, como o corpo que ele estendia de costas, pacientemente, sob uma arvore sem ramos, á espera dum hipotetico abraço da «taluda». Desacautelado de nascença, lembrára-se de explorar a vida em cautelas.

E era tudo quanto eu sabia dele. Tudo!

Mas se me garrochava a ideia de transpor a barreira dos ditos e contos, de travar conhecimento pessoal com a indiferença em pessoa, de arrancar talvez duma pança regalada de sono, um cerebro que até á data só luzira para dentro...

Pois vamos ouvir o homem! — disse-me.

E porque não?!

A sua identidade tinha-me sido revelada tão limpidamente como se a houvesse soletrado sobre um cadastro de policia:

«Não te rales», «tout court», como o João Ganssin da Sapho.

Calhou hoje. Dia de extracção. Pertinho de casa. Meia duzia de passos indolentes, um relancear de olhos pelo largo Trindade Coelho—e pronto.

«Não-te-rales» lá estava, estiraçado á sombra-sol dum simulacro de arvore—duma arvore que não quer ser frondosa com receio dos cortes do sr. Paiva e Pona.

Dormia como um injusto encartado. «Toilette» mangas de camisa, á americana; pescoço sujo, á portuguesa.

Atropelei-o com a biqueira da bota:

—Eh! Amigo!

«Não-te-rales» entreabriu o olho direito.

—Ouve! Sou jornalista e quero entrevistar-te.

«Não-te-rales» entreabriu o olho esquerdo e correu o taipal do direito.

—Não-te-rales!—vocativei.

—Não me ralo, não!—E cerrou os dois olhos.

Recordei certas noções de civismo aplicado e enderecei-lhe um pontapé capaz de derrubar um ministerio.

O meu entrevistado, espreguiçou-se e remoeu:

—Jornalista, entrevista... Olha, faze favor, deita-te...

Deitei-me, arrostando heroicamente com os sessenta graus de temperatura do colchão e principiei:

—Que fazes tu por aqui?

—Espero que ande a roda e que desande o calor. Ontem foram trinta e seis graus á sombra!

—E sabendo isso dormes ao sol?

—Bem se vê que não conheces a vida! Onde agora faz sol, já fez sombra—e vice-versa. Não vale a pena a gente mudar-se. O dia quasi não dá tempo para isso... E que desse! Para levantar-me tenho de pôr-me em pé e eu prefiro a posição horisontal.

— Mas desse modo nunca conseguirás fazer vida nunca chegarás a endireitar-te...

— Quem torto nasce... Escuta-me: tenho sessenta anos de existencia e quarenta e dois de vida activa, desta actividade que tu vês.

— Se vejo!

— Creança ainda, tive a felicidade de ouvir dizer a meus paes que isto ia mal, mesmo muito mal, que já não tinha concerto. Foi a minha escola. Ah! Ele é isso? Pois bem! Vou passar o dia a fechar os olhos ao sol e a noite a contar as estrelas. E assim pensei e assim fiz. Quem se mata morre cedo e nem por muito madrugar amanhece antes da hora. E' certo que «isto», segundo ouço dizer, continua a ir mal... Pff... Eu cá estou no meu posto, á espera do concerto.

— Amigo «Não-te-rales»! E' indispensavel que comeces a ralar-te. Tu és afinal uma sociedade inteira. A quem dorme arde-lhe a fazenda — e as tuas fazendas estão já quasi todas queimadas.

— Quem vier que se encarregue do rescaldo, se o Carlos Pereira ainda existir e quizer mandar abrir as torneiras...

— Mas tu pódes viver assim?

— Posso e vivo. Não vivo a saltar, como vês. Mas cá vou andando parado na graça do Senhor, á espera da sorte grande que nunca mais vem e da morte que ha-de vir pela certa muito mais depressa do que a «taluda». A «taluda»! O que é o azar! Ha trinta e cinco anos que jógo no mesmo numero, sem perder um «andar de roda», e espero confiadamente a minha felicidade. Nada! Nada! Nem o mesmo dinheiro. «Não-te-rales», dito isto, preparou-se para adormecer. O pavimento escaldava. Eu não podia mais. Levantei-me com custo — como se levantasse comigo o peso da doutrina do meu entrevistado.

E ia para dizer-lhe adeus sem o acordar, quando um «ardina», esfalfado da carreira rapida, se acercou da tal arvore e iniciou sem preambulo um renhido combate de «box» com «Não-te-rales»...

— O' sr. «Não-te-rales»! O' sr. «Não-te-rales»!

«Não-te-rales» soltou um grunhido.

— O seu numero! Bateu hoje! E' a bola! Sahiu-lhe a sorte grande, sr. Não-te-rales»!

—Ein?

— A sorte grande! A sorte grande! — berrava o garoto.

«Não-te-rales» soergueu o torso dois centimetros:

— A sorte grande! Ora até que enfim!

E depois, estatelando novamente o corpo:

— Com este maldito calor! Ouve lá, ó meudo, tu sabes se eu poderei receber o premio no inverno?

Sarmento Duque

O CALOR

Ao meio dia o termometro marcava 33°,5

O calor apertou hoje mais do que ontem. No observatorio Infante D. Luiz, ao meio dia, o termometro marcou 33°,5 á sombra. A temperatura maxima de ontem foi de 33°,8, devendo subir hoje a 35°.

DE REGRESSO...

O ESCRITOR SR. MANUEL RIBEIRO FALA-NOS DA SUA TENTATIVA DE ENTRADA NA RUSSIA DOS SOVIETS

O CONSULADO DOS "SOVIETS" EM BERLIM—O ASPECTO DE PARIS—O ASPECTO DE BERLIM

Foi o sr. Manuel Ribeiro, ao que parece, o primeiro intelectual portuguez que tomou a iniciativa de entrar na Russia, apalpar-lhe as dôres, as misérias e grandezas provenientes da crise que ela atravessa, para nos dar as suas impressões em livro. Não conseguiu, porém, o brilhante escritor o seu objectivo, e tendo esbarrado com um sem numero de dificuldades que se opuzeram á sua entrada na Russia, resolveu retroceder, para não se lançar numa aventura: atravessar á fronteira clandestinamente.

EM BERLIM, NO COOSULADO DOS "SOVIETS"

Nós procurámos o sr. Manuel Ribeiro e insistimos para que nos contasse as suas impressões de viagem. Era de noite, ele recebeu-nos no seu gabinete de estudo onde, á nossa chegada, estava escrevendo a um amigo sobre coisas religiosas. Descreveu-nos a sua viagem até á fronteira russa e as dificuldades que ahi o obrigaram a retirar, apezar do seu passaporte estar legalizado.

—E na Alemanha— inquirimos —observou alguma coisa de notável a respeito dos «soviets», visto estarem eles ali reconhecidos?

—Em Berlim trabalha-se muito na propaganda do regimen dos «soviets». Trabalha-se á vontade, sem a perseguição governamental, até com uma certa indiferença das autoridades. Visitei, em Berlim, o consulado dos «soviets», instalado num soberbo palácio da Massenstrass, 9, mesmo no coração da cidade. Ao contrário de todos os outros consulados que apresentam na fachada do edificio um distintivo e uma bandeira dos respectivos paizes, o consulado dos «soviets» em Berlim nada tem que o indique, de sorte que me ralei para o descobrir.

—E no interior?

—Retratos de Lénine e outros; funcionários russos e uma empregada que se presta a ser a minha interprete, porque é a unica pessoa que fala o francez. Quando se entra, fica-se deslumbrado com o luxo rigoroso dos aposentos. O visitante é recebido primeiro pelos funcionários, que o convidam a inscrever-se, recebe depois a Constituição dos «Soviets» e dá entrada num salão magnifico, antes de conferenciar com o consul.

—Os alemães toleram os progressos do comunismo, nesse caso...

—Absolutamente. A organização comunista na Alemanha intensifica-se. Na séde das Juventudes Comunistas, que fica na Rozendhalerstrass, recebem-se cartazes de propaganda impressos na Russia, sem que as autoridades se preocupem.

POVO RUSSO AGUARDA O RESULTADO DE UMA EVOLUÇÃO

O sr. Manuel Ribeiro conversa á vontade, sem recear a inconfidencia jornalistica.

—Mas a Russia, o que pensa da situação do povo russo?

—O povo russo conforma-se com a sua situação. A principio, o Estado apoderou-se de tudo, lançou mão das colheitas dos camponezes; estes eram obrigados a entregar todas as suas colheitas ao Estado, que, por sua vez, as dividia como julgava conveniente. Os camponezes, porém, desgostaram-se, porque o Estado não lhes dava, em compensação, o que eles precisavam: eram as industrias enfraquecidas, mortas, que faziam sentir o efeito da sua debilidade. De sorte que o Estado teve de modificar essa medida, fazendo concessões e colocando-se na iminencia de dar autonomia a algumas industrias. Tudo se modifica e o povo russo, conformando-se com as instituições, que eu vejo absolutamente firmes, espera os beneficios resultantes de uma evolução.

UM CONFRONTO ENTRE BERLIM E PARIS

—Que impressão recebeu na sua passagem por Paris?

—Paris vive ainda a guerra. O militarismo predomina; a nota do luto subsiste.

—E em Berlim, já assim não acontece?

—E' curioso que não. Em Berlim tem-se a impressão de que nada houve; não se encontra em toda a cidade um vestigio da caserna, nem um militar, nada... Em Paris é um cortejo fantástico de condecorações, de oficiaes, de mutilados... Em Berlim vive-se uma vida concentrada, de trabalho; pouca gente nas ruas, fábricas em perpétua laboração; os estabelecimentos fechados, tudo fechado, tudo recolhido; é preciso que o freguez, para entrar em qualquer deles, tenha que descobrir a porta de entrada e empurrá-la. Ao contrário, em Paris, come-se muito ao ar livre, há uma animação louca, um movimento extraordinário, que deixa o forasteiro boquiaberto deante dos «boulevards» agitados. Em toda a parte se recorda a guerra; nas «gares» do Norte e de Orléans vêem-se quadros com os nomes dos mortos na guerra, a cada passo se encontra uma mulher de luto... Em Berlim, como antes da guerra, continuam a existir a Praça de Paris, a Rua dos Francezes. Pelo mesmo principio ninguem molesta as estátuas colossaes de Bismarck nem se ofende com os nomes do kaiser e da kaiserine nas ruas.

—A que atribue então essa indiferença do povo alemão pela memória da guerra?

—O caso explica-se: o orgulho alemão de antes da guerra não foi senão uma resultante da vitória de 70: foi uma febre, febre que atacou sómente o meio politico. O povo alemão, estou certo disso, nunca se preocupou com essas coisas.

—Por isso procura rehabilitar-se pelo trabalho, agora que se sente exausto...

—Naturalmente. E o certo é que lá todos os produtos industriaes são baratos. Só os géneros de alimentação são caros.

—A politica na Alta Silesia...—iamos a dizer. Mas era já alta noite.

Manuel Ribeiro, sempre amavel, ia a satisfazer a nossa curiosidade, quando nos despedimos.

—O assunto é complicado, de facto, e sobre ele poderemos falar com mais vagar, n'outra ocasião...

C. R.

UM INQUÉRITO DO "DIARIO DE LISBOA"

VAI HAVER TOUROS DE MORTE?

"AQUILO QUE EM HESPANHA É GRANDIOSO, CHEGANDO A ATINGIR O SUBLIME, NUNCA EM PORTUGAL DEIXARIA DE SER DUM EXTREMO RIDICULO"

ASSIM NOS AFIRMA O SR. PALHA BLANCO

Continuamos a receber diáriamente respostas entusiásticas e contraditórias ao nosso inquérito. Tem hoje a palavra o conecido «ganadero» sr. Palha Blanco, que se manifesta adversário das corridas á espanhola em Portugal.

Eis a carta que recebemos:

«Ex.mo Sr.—Venho responder á sua interrogação sobre «touros de morte» em Portugal. Não podia vir a sua pregunta mais a propósito, desde que há poucos dias me constou, que um jornal dessa capital teve a veleidade de envolver o meu nome, numa questão a que sou completamente alheio, e em que os pretendentes a macaquear, o que se passa entre os creadores de rezes bravas no visinho reino, nem se atreveram a dizer-me a menor palavra sobre o assunto, tão certos estavam da minha opinião

Aquilo que em Espanha é grandioso, chegando a atingir o sublime, nunca em Portugal poderia deixar de ser dum extremo ridiculo, e insustentável pela exagerada despeza, que as emprezas não poderiam suportar, e ainda mais, pela falta de concorrencia ao espectáculo, da maioria do publico que não tolera esse género de lide, e outra parte do dito publico, que tem a pretenção humanitária, até ao ponto de só comer carne de vaca, morta pela choupa, quando não é á marreta, e sangrada pela faca.

Terminando direi, que nestes ultimos cincoenta anos, tenho assistido a três ou quatro tentativas (todas á porta fechada) á introdução da «sorte de morte»; e sabe V. o que nelas se passou?! Apesar de ser por convite a entrada nos recintos do espectáculo, os protestos dos convidados e amigos dos promotores, chegaram a ser tumultuosos e bastantes convincentes para que se perdesse a ideia da viabilidade da questão.

Julgo que a minha maneira de pensar está suficientemente bem exposta, e que nada mais precisarei dize a V., para o esclarecer sobre o assunto.—Sem mais, sou com muita consideração, de V., etc., *José P. Palha Blanco*».

INSTITUTO BRANCO RODRIGUES

Exames de cegos no Conservatorio

Fizeram ontem exames do 3.° ano do curso de piano, no Conservatorio de Lisboa, obtendo distinção, os alunos do Instituto Branco Rodrigues (Estoril) Abilio Machado, de Vila Pouca de Aguiar, e José Jacinto Pais, de Loures, que alcançaram respectivamente 16 e 18 valores.

O aluno cego sr. Carlos da Conceição Almeida e Silva, de Fernando Pó, que frequentou o 1.° ano do curso complementar de piano, assim como os alunos srs. Manuel da Costa, de Guimarães, e José Jacinto Pais, matriculados no 2.° ano do curso elementar de piano, passaram por média.

Os alunos srs. Antonio Galante, do Fundão, Abilio Machado, de Vila Pouca d'Aguiar, João Lourenço, de Almada, Manuel da Costa, de Guimarães, e José Jacinto Pais, de Loures, passaram por média no 2.° ano do curso de violino.

Ao todo têm sido feitos pelos alunos do Instituto Branco Rodrigues, nas escolas oficiais, nos liceus e no Conservatorio de Lisboa, além de 82 passagens de ano, 114 exames com outras tantas aprovações e com 68 distinções.

Completaram já no Conservatorio o curso de piano 5 alunos, tendo um obtido 20 valores (distinção e louvor) no curso superior.

São os primeiros cegos que, em Portugal, têm concluido cursos em estabelecimentos oficiais

O Padroado do Oriente

Sobre esta debatida questão o sr. bispo de Meliapôr conferenciou hoje com o sr. ministro das Colonias

O sr. bispo de Meliapôr, acompanhado de monsenhor Amadeu Ruas, teve hoje uma larga conferencia com o sr. ministro das colónias, ácêrca da importante questão do Padroado do Oriente, indo em seguida cumprimentar o sr. presidente da Republica e todos os membros do ministerio.

O "raid" Lisboa-Madeira

Os oficiais da armada foram convidados para assistir á sessão solene que sabado se realisa na Sociedade de Geografia

Foram convidados os oficiaes da armada a assistir no sábado, ás 21,30, na Sociedade de Geografia, á sessão solene em honra dos aviadores portuguezes, á qual assiste o sr. presidente da Republica, sendo a guarda de honra feita por uma força do Corpo de Marinheiros.

A CIDADE

NOS MEIOS POLITICOS OPERARIOS

A C. G. T. VAI DESAPARECER?

AO NOVO PARTIDO COMUNISTA PARECE QUE VÃO ADERIR AS JUVENTUDES SINDICALISTAS E OS SINDICATOS DOS ALFAIATES E DA CONSTRUÇÃO CIVIL

O QUE NOS DIZ UM EX-SINDICALISTA

A politica operaria — porque os operarios tambem têm politica — está efervescente. O novissimo partido comunista terça afoitamente armas com a Confederação Geral do Trabalho. São dois organismos que se encontram frente a frente, lutando. A vitória de um implica o desaparecimento do outro. Quem ganhará? Diz-se que o partido comunista.

A pugna começou quando os comunistas lançaram um manifesto afirmando que a «organização sindical não tem capacidade revolucionaria para derrubar e substituir as instituições burguesas». A esta afirmação responderam os da C. G. T., em nota oficiosa, lembrando que o organismo que representam, «é fundamentalmente revolucionario nos seus objectivos como nos seus meios de acção». Ontem á noite reuniram-se no palacio vermelho, á calçada do Combro, os membros do conselho confederal da C. G. T., que discutiram entusiasticamente, êste ironico periodo da sua nota oficiosa:

«Se se quere tirar a ilação de que a acção do operariado, como classe social escravisada, não basta ser exercida no terreno económico, para o ser simultaneamente no terreno politico parlamentar e com o concurso esteril e perigosamente nocivo dos videirinhos da politica, então a C. G. T., fiel ás decisões dos Congressos Nacionais sindicais, declara que a acção do operariado basta, e que, como tal, nem emparceira com qualquer partido politico, nem consente que no seio da organização se desenvolva a deleteria acção politica.»

Alguem que anda enfronhado em todas estas questões dizia-nos hoje:

— A C. G. T. tem que desaparecer...

— Porquê?

— Ora, porquê! Porque não desempenhou o papel que lhe foi destinado...

— Algumas greves, no entanto...

— Fique por aí. O partido comunista vai agora lançar o operariado na senda que êle devia já há muito trilhar.

Seguiram-se alguns tropos de eloquencia revolucionaria. Depois, estas revelações importantes:

— A C. G. T. morre. Os comunistas têm fôrça, idéa, vida. Quasi todos os sindicalistas ingressarão no novo partido. Quere saber?

— Queremos!

— As juventudes sindicalistas vão aderir em massa ao partido.

— ?

— E mais: os sindicatos dos alfaiates e da construção civil pensam em seguir o mesmo caminho...

— Do que resulta...

— ... que a dogmatica Confederação Geral do Trabalho se esboroará.

E o nosso amavel informador seguiu para casa a almoçar, direitinho como um fuso, pela rua do Mundo acima.

Luís Filipe Leite Pinto

Terminou três cadeiras dos preparatorios da marinha, na Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa, obtendo distinção e muito bom, o sr. Luiz Filipe Leite Pinto, filho do sr. Francisco Vila Pinto, funcionario do Congresso da Republica.

DE POLITICA

O SR. CAETANO BEIRÃO DIZ-NOS QUE OS LEGITIMISTAS NÃO QUEREM NADA COM OS INTEGRALISTAS

PROJECTA-SE PARA BREVE UMA IMPORTANTE REUNIÃO DE ELEMENTOS MONARQUICOS

As dissidencias e questiunculas entre os realistas, e especialmente os integralistas, uns com os outros não cessam. Já se não sabe bem onde pára a unidade politica do realismo, onde anda e sua isenção, o seu sacrificio á causa castigando os odios e despeitos pessoais.

O acaso favoreceu-nos oportunidade de trocarmos com o sr. dr. Caetano Beirão, antigo integralista, algumas palavras, relativas ao estado conflituoso da causa, e ás varias dissidencias, palavras e considerações das quais se apura alguma cousa de muito curioso para a historia politica do nosso tempo.

A primeira interrogação que puzemos, foi esta:

—Os dissidentes integralistas vão-se organizar?

—E' verdade. Mas não lhes chama dissidentes? Dissidente é a Junta Central que, abandonando a causa monarquica foi constituir uma «igrejinha» sua, á margem do partido legitimista. Os integralistas manuelistas estão onde sempre estiveram desde 1915.

—Porue diz á margem?

—Porque os integralistas rebeldes não conseguem o que queriam e o que era logico que acontecesse: fundir-se com o velho legitimismo. Integralismo manuelista compreende-se; dentro da causa monarquica há todas as «nuances» de monarquismo e portanto o integralismo subsiste como a falange avançada e o orgão de propaganda da doutrina monarquica pura. Integralismo duartista não tem razão de existir porque, sendo os principios legitimistas e integralistas, dum modo geral, os mesmos, não há motivo para os dois partidos subsistirem independentes sob a mesma bandeira. Isto compreendeu-o a J. C. e tem empregado as mais altas diligencias para fundir o integralismo protestante com o partido legitimista.

—Mas porque não consegue?

—Porque a direcção do partido legitimista se opõe terminantemente a isso.

—!!

—Posso-lhe afirmar que assim é, não só porque os factos o provam, como tambem porque mo declarou um dos marechais do velho partido realista.

A Junta Central pretendia 4 coisas: fusão das duas facções, um membro da Junta Central junto do sr. D. Duarte, «A Monarquia», orgão da causa legitimista, que legitimistas colaborassem na «Monarquia». Tudo isto lhes foi negado pela direcção do partido legitimista. «Com os integralistas não queremos nada!», declarou-nos o marechal da causa de D. Miguel, e não me pediu segredo.

—Qual é a sua impressão?

—Que em volta da Junta Central se está fazendo o *vacuo*, e que ou hade mudar completamente de rumo, ou morrer por «asfixia». Os retraimentos e as *deserções* são cada vez mais frequentes. Ainda ultimamente duas figuras das mais brilhantes do Integralismo abandonaram a J. C. Não lhe posso dizer os nomes porque isso seria lançá-los ás feras...

—Então, pelo visto, o integralismo reaparece no lugar que ocupou até ao movimento de Monsanto?

— Isso mesmo. Os integralistas ortodoxos e muitos elementos que nunca se declararam tais por incompatibilidade com os vogais da J. C., estão animados da melhor boa vontade para que isso se faça quanto antes, e o Conselho Superior da Causa Monárquica tem manifestado toda a simpatia e interesse por esse movimento. Posso-lhe até dizer mais: que tem havido *pourparlers* com o logar-tenente de El-Rei e que muito brevemente se realizará uma grande reunião preparatória, da qual sairá a reorganização do Integralismo.

O papel do Integralismo será de propaganda da doutrina realista. Obedecendo directamente ao Conselho Superior, terá os seus organismos, o seu jornal, e até há quem pense em fundar uma livraria para publicação de obras de propaganda nacionalista, tradicionalista e monarquica.

—O que é pena é a scisão entre integralistas.

—E'; mas a culpa é da J. C. que traiu os fins a que se propunha. O Integralismo era uma esola de doutrina e propaganda dos principios monarquicos combatendo os partidos politicos, e a J. C. foi exactamente constituir-se num partido estreito, com todos os vicios que durante tanto tempo era a primeira a combater.

—Então o novo Integralismo propõe-se a uma larga missão.

—A continuar aquela que a J. C. abandonou. Mas um dos mais delicados problemas, ainda não lhe disse qual era.

—Então qual é?

—E' preparar o terreno para a unificação da causa monarquica.

—?!

—Por ora nada se pode dizer a esse respeito. Só lhe lembro umas cartas que o sr. D. Miguel escreveu a El-Rei, após o regicidio, em que reconhece a realeza do sr. D. Manuel, e o pacto de Dover que por influencias estranhas não se efectivou. Digo-lhe mais: há elementos legitimistas muito interessados nessa unificação. E' claro que o caso compete ás entidades superiores de ambos os ramos, mas a preparação da atmosfera para isso cabe á facção monárquica que está entre ambos.

—Mas que lugar ocupa no novo integralismo?

—Nenhum, meu amigo. Sempre recusei lugares de destaque. Não tenho ambições politicas. Ou, melhor, tenho, tenho uma grande ambição politica: é, para bem da nação, vêr restaurada a Monarquia em Portugal.

O PROBLEMA DAS AGUAS

O sr. Carlos Pereira, director da Companhia, vai esclarecer a questão na reunião da União dos Sindicatos Operarios

A União dos Sindicatos Operarios realiza hoje, pelas 21 horas, na séde da C. G. T., na calçada do Combro, uma sessão destinada á apreciação do problema das aguas. O sr. Carlos Pereira, director-delegado da Companhia, que já havia manifestado aos organismos proletarios o seu desejo de os esclarecer sobre tão importante questão, foi convidado por dois delegados daquela União a tomar parte na assembleia. Sabemos que o sr. Carlos Pereira aceitou o convite, tencionando fazer uma larga exposição da situação da Companhia, que lhe não permite continuar a abastecer a cidade de quantidade suficiente de agua, ao preço actual.

"A IMPRENSA LIVRE"

Saiu hoje o primeiro numero de *A Imprensa Livre*, diário matutino, dirigido pelo sr. dr. Campos Lima. O aspecto do nosso novo colega é interessante e a sua redacção muito cuidada.

Saudamos com afecto sincero *A Imprensa Livre* e não fazemos votos pelas suas prosperidades porque a frase já está muito gasta.

Por falta de espaço não publicamos hoje uma entrevista que NORBERTO DE ARAUJO realisou em Coimbra com o ilustre professor ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES, o que faremos ámanhã.

COISAS DE NADA

Os coveiros

Dois coveiros se ocupam a cavar
Num cemiterio onde trabalham juntos,
Quando um dêles se lembra em apostar
Sobre o numero exacto de defuntos
Que tinham nesse dia a enterrar.

Mal a macabra idéa foi proposta,
—«O numero, — diz um — há de ser par...»
E, como o outro em rápida resposta,
Já pelo impar convencido aposta,
Puzeram-se os coveiros a contar.

Matara a peste então vilas inteiras!
Cadaveres insepultos, aos montões,
'Speravam envoltos em sarapilheiras,
E viam-se os sorrisos das caveiras
P'las taboas mal pregadas dos caixões.

E os coveiros puzeram-se a contar:
Arredaram os mortos um por um ,
Na mesma anciosa esp'rança de ganhar,
E quando não faltava mais nenhum:
—«Ganhei eu!—diz um dêles—que foi par!»

Mas o outro, porêm, alçando a enxada
Foi tão profundo o golpe que lhe deu,
Que o pobre ao rolar morto na calçada,
Mal poude ouvir-lhe a voz entusiasmada:
— «Enganas-te! Foi impar! Ganhei eu!»

....

Vem-me lembrar — o que acho natural —
Isto que li um dia não sei onde,
Porque ao ultimo acto eleitoral
Do circulo chamado ocidental,
A minha velha história corresponde...

João Fernandes

Direcção Geral de Contribuição e Impostos

Os funcionarios do seu quadro reclamam o pagamento da subvenção que lhes foi concedida pelo decreto n.º 7236

São em numero superior a 200 os funcionários de todas as categorias do quadro da direcção geral das contribuições e impostos, que nos ultimos dias têm requerido, por intermedio da secretaria geral do ministerio das Finanças, o pagamento, desde Setembro de 1920, da diferença das subvenções que lhes foram concedidas pelo decreto n.º 7:236, a exemplo do que se tem feito a outros servidores do Estado a quem foi notificada e mandada abonar a respectiva subvenção.

Malas postais

Pelo "Andorinha"

Pelo «Andorinha» são ámanhã expedidas malas postaes para a Madira, Las Pal mas e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Instituto de Seguros Sociais

Os seguros das suas hipotecas são no valor de 159 contos e 200 escudos

A Companhia de Seguros «A Equitativa de Portugal e Ultramar», enviou ao Instituto de Seguros Sociaes o conhecimento do depósito das certidões do registo de hipoteca dos seus predios, no valor total de 159.200$, hipoteca que constitue a garantia plena das reservas matemáticas por diferentes contractos de seguros de vida.

Uma conferencia entre ministros

Houve hoje larga conferencia entre o sr. ministro da Justiça e o seu colega da Agricultura.

GARANTIA
Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)
Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921
Esc. 7.973.798$76,3
Capital — MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)
EFECTUA SEGUROS:
Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e de minas
—Seguros de vida—
AGENTES:
José Henriques Totta, Ld.a
Banqueiros
Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

PROVINCIAS

Em Mação

Casamento

Mação, 19

Realizou-se no dia 16 do corrente, em Panascoso, o enlace matrimonial do sr. Benjamim Rodrigues Paisana, com a sr.ª D. Virginia Silva, filha do abastado proprietario daquela localidade, sr. José Marques da Silva. Foram padrinhos pela parte do noivo os srs. dr. Samuel Mendes Mirrado, mui digno clinico nesta vila, e Manuel de Matos Godinho, abastado lavrador de Torres (Abrantes) e pela parte da noiva as sr.as D. Raquel Vitoria Chamiço e D. Maria da Conceição Godinho.

Os padrinhos dos noivos ofereceram prendas de alto valor, assim como os amigos mais intimos.

Um roubo

Já se descobriram os autores do grande roubo de que foi vitima o sr. João Pedro, do Penascoso, como há dias noticiei. São: Manuel Gonçalves, solteiro, com 18 anos de idade, e Jacinto Lopes, tambem solteiro e da mesma idade, ambos de Carregais, concelho da Sobreira Formosa.

Estes gatunos tambem, no dia 13 do corrente, roubaram uma pobre velhota de nome Helena Marques, viuva, do Vale das Arvores, suburbios desta vila, roubando-lhe roupas e alguns dinheiros, tudo numa boa conta.

Foram capturados em Abrantes, em consequencia de uma desconfiança que teve o ourives sr. Ribeiro, quando um deles pretendia vender-lhe algum ouro. Foram interrogados pelo administrador daquele concelho; só um apenas confessou o roubo, que foi o Manuel Gonçalves, estando o Jacinto Lopes, sempre na negativa, até que chegou ao posto desta vila, onde foi deveras apertado pelo mui digno sargento da G. N. R. sr. Calhas, é que tambem se resolveu a confessar. Deram em seguida entrada na cadeia desta vila.

Um desastre

No dia 11 do corrente, quando o estudante do liceu de Castelo Branco, sr. Antonio Alves Junior atirava ao ar alguns foguetes, com bombas de clorato de potassa, em regosijo por ter obtido distinção no seu exame, um dos foguetes não estoirou, dando-se o caso de alguns garotos apanharem as bombas e um deles ir levar uma tambem ao estudante sr. Henrique Marques Alexandre. Este, por sua vez, foi acender uma com o cigarro que fumava, dando logo o pessimo resultado de explodir na mão direita, esfacelando-lhe três dedos e ficando bastante contuso na bôca e nos olhos.

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

Em Coimbra

Leilão Ameal

Coimbra, 20.

Neste leilão, de verdadeiras preciosidades artisticas, foram vendidas, entre outras, as seguintes obras de arte.

Desenho a «crayon» e a sanguineo, de Bartholozzi, vendido por 510$00; «Tentação de Santo Antonio», de Brenghel (Pierre), da colecção de Dauplas, por 1.000$00; retrato da cantora Vitali, de Carolus Durand, Paris 1881, por 1.201$00; vista da entrada do porto de Lisboa, de Pillement, por 1.530$00; duas jarras de porcelana da China, por 1.530$00; serviço de sobremesa de porcelana de Derby, por 1.503$00; quatro pratos em faiança da China, por 764$00.

Greve academica

Está em Coimbra o juiz do tribunal da Relação sr. dr. Nunes da Silva, que vem proceder ao inquerito sobre o conflito academico.

Bairro social

O sr. dr. Lima Duque, ministro do trabalho, vai providenciar no sentido de começarem com a maior brevidade os trabalhos de construção do bairro social.

Para juizo

Vai ser enviado para o poder judicial o ex-capitão de cavalaria 9 sr. Carlos Pereira de Carvalho, acusado de ter agredido a cavalo marinho uma mulher, sua servente, o que causou indignação na visinhança, pois a agressão deu-se na residencia do sr. Carvalho.

Na Figueira da Foz

Morta por um combolo

Figueira da Foz, 19

Hoje, pelas 20 horas, na rua do Mato, um automovel guiado pelo filho do sr. Zacarias José Esteves, desta cidade, atropelou uma criança de 6 anos de idade, filha do sr. José Augusto de Carvalho Junior, sapateiro, que lhe causou morte instantanea.

O Esteves andava em grandes correrias com o automovel naquela rua e a criança foi colhida pelo veículo quando saia de casa dos pais, passando-lhe uma das rodas pela cabeça.

Socorrida a criança e levada ao hospital, quando ali chegou já ia morta.

O sr. Esteves entregou-se ás autoridades, dando entrada nas cadeias desta cidade.

Campeonato de luta

Consta-nos que o Figueira Sport vai organizar no vasto teatro do Parque um campeonato internacional de luta, no qual tomarão parte alguns atletas que se têm exibido no Coliseu dos Recreios, dessa capital.

ALVARO CAMPOS, LIMITADA
FORNECEDORES DOS HOSPITAIS CIVIS E MILITARES
Instrumentos cirurgicos. Aparelhos de medicina. Mobiliario cirurgico. Electricidade medica. Instrumentos para consultorios de dentistas. Instalações completas de salas de operações, dispensarios, postos de socorros, etc.
ANALISES
PROF. E. FRANCO da Faculdade de Medicina—FROF. CH. LEPIERRE do Instituto Superior Tecnico
Microscopios e microtomos Koristka. Productos quimicos. Vacinas e sóros Mulford.
Produtos opoterapicos do prof. Pittaluga. Produtos farmaceuticos «Meurice»
LISBOA — 103, Largo das Duas Igrejas — TEL. C. 1017
PORTO — 90, Rua Sá da Bandeira — TEL. 1775

PORTUGAL PREVIDENTE
COMPANHIA DE SEGUROS
FUNDADA EM 1907
Capital UM MILHÃO DE ESCUDOS
BANQUEIROS:
BORGES & IRMÃO
Efectua seguros contra incendio e riscos de mar, roubo, postais, cristais, graves e tumultos, comoções politicas e populares, guerra civil, ACIDENTES NO TRABALHO e SOBRE A VIDA HUMANA.
Sede: Rua do Alecrim, 10—LISBOA
Delegação no Porto:
Rua Sá da Bandeira, 5, 1.º

Deposito — MARINHO E AMARAL
R. do Jardim do Regedor, 23
LISBOA

SAPATARIA SECULO XX
R. Nova do Almada, 63
Grande sortimento a preços modicos

Seale e Lucas
Importador e Exportador
19 Eastcheap EC3
LONDRES

N.º 30 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 21-7-921

VITORIA

NOVELA PASSIONAL por KNUT HAMSUN

Os estorninhos chilreavam nos ramos por cima das suas cabeças... Tanto melhor. Que Deus lhes dê uma longa vida... Tinha falado para ela ao jantar, rasgando o coração, tinha tentado remediar e disfarçar a sua interrupção insolente, e Vitória não lho havia levado em conta. Pegando no copo, bebera. A' sua saude, veja como bebo lindamente... De resto, olhem para uma mulher, olhem-na de lado, quando bebe. Que beba numa taça, num copo, seja no que fôr, mas olhem-na de lado. Hão de vê-la contrafeita fazer caretas, o que se torna horrivel. Faz a bôca bicuda, molha os beiços no que bebe e fica desesperada se nesse momento repararem na sua mão. Em suma, não olhem para a mão de uma mulher. Não o pode suportar e capitula. Começa imediatamente a retirar a mão, a dar-lhe posições favoraveis, tudo para esconder qualquer ruga, um dedo torto ou uma unha deformada. No fim, sem conseguir dominar-se, preguntará fora de si:

— O que está a ver?

...E ela já o tinha beijado uma vez, num dia de verão. Havia tanto tempo, Deus sabe mesmo se fôra apenas um sonho... Vejamos, não estavam ambos sentados num banco? Dessa vez tinham-se falado longamente e, quando se separaram, estava êle tão perto dela que lhe tocava nos braços. Diante de uma porta ela tinha-o beijado, dizendo-lhe: Amo-o! Agora acabavam êles de passar por ali; talvez neste momento estivessem sentados no pavilhão. O tenente tinha dito que queria esbofeteá-lo.

Johannes ouvira muito bem, não dormia, mas não se tinha erguido para levantar o insulto. «A mão de um oficial» dizia êle. Seja, isso pouco lhe importava.

Levantou-se e seguiu o caminho até ao pavilhão. O pavilhão estava deserto. Da varanda do castelo Camila chamou-o:

— Venha, peço-lhe, estão a servir o café na galeria.

Subiu. Na sala grande os noivos e várias outras pessoas estavam reunidos. Johannes aceitou a chavena que lhe ofereceram, afastou-se e encontrou um lugar.

Camila ligou conversa com êle. Estava tão loira, com o rosto tão radiante, os grandes olhos tão francos, que não lhe poude resistir e respondeu sorrindo ás suas preguntas risonhas. Onde tinha estado? No parque? Lá não, certamente. Tinha-o procurado no parque sem conseguir vê-o. Ah! não, não tinha estado lá...

— Ele estava no parque, Vitória? — preguntou ela.

Vitória respondeu:

— Não, não o vi.

O tenente lançou á noiva um olhar irado e para lhe fazer uma advertencia, levantou a voz exageradamente, para dizer ao proprietario, sentado em frente dêle:

— Queria então levar-me comsigo para caçar ás galinholas, nas suas terras?

— Sem duvida, respondeu-lhe o proprietario. Com muito gôsto.

O tenente fitou Vitória, que ficara imovel, sem uma tentativa para o dissuadir dessa diversão... O rosto do oficial carregou-se cada vez mais e afagou o bigode com gestos nervosos.

Camila dirigiu ainda uma pregunta a Vitória.

O tenente levantou-se então vivamente e disse ao proprietario:

— Bem; acompanhá-lo-hei esta noite, logo.

E saiu da sala.

O proprietario e alguns outros seguiram-no.

De repente, a porta abriu-se de novo e o tenente reapareceu. Aparentava uma sobrexcitação extrema.

— Esqueceu-se de alguma coisa? — preguntou-lhe Vitória, levantando-se.

O tenente deu alguns passos, tropeçando, perto da porta, e caminhou direito a Johannes, a quem deu um encontrão, como sem ser de proposito. Depois voltou apressadamente para a porta, continuando a tropeçar.

— Tome cuidado, meu caro senhor, bateu-me num ôlho, disse-lhe Johannes com um riso cavo.

— Engana-se, disse-lhe o tenente, dei-lhe uma bofetada. Compreende? Compreende?...

Johannes pegou no lenço, limpou a face e respondeu:

— Está a brincar. Sabe muito bem que eu podia dobrá-lo em dois e metê-lo na algibeira.

E, dizendo isto, endireitou-se.

Então, o tenente abriu a porta precipitadamente e saiu.

(Continua)

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59
E' quem melhor veste as crianças

NO ESTRANGEIRO

COISAS DO ORIENTE

BRIAND ESPERA QUE DENTRO DE POUCO TEMPO SE FAÇA A PAZ COM A TURQUIA

O general Gouraud não deseja que sejam reduzidos os creditos ás tropas de ocupação

O primeiro ministro francês tem esperanças de que dentro de pouco tempo se chegue á paz definitiva com a Turquia e a uma rapida delimitação de fronteiras. Assim o declarou ás comissões do senado.

As tropas francesas que se encontram em Constantinopla, de forma nenhuma tomarão parte no conflito greco-turco, assim como em Ismidith os soldados da França empregarão os seus esforços em proteger e salvar as populações contra as provações da guerra.

O general Gouraud manifestou ao governo francês a conveniencia de não diminuir extraordinariamente os creditos ás tropas de ocupação no Oriente porque nesse caso a representação militar francesa sofreria consideravelmente e, tornando-se muito menos importante, levaria ao espirito dos turcos a ideia de que á França estavam interessando menos os territorios e mesmo de que abandonava os direitos sobre aquelas regiões.

Tal pensamento contribuiria para qualquer resistencia, o que decerto não é para desejar por qualquer forma que ela se manifeste.

Assim o participou Briand á Comissão que se conformou com a redução maxima do general Gouraud, 20 milhões, ficando o credito para o oriente orçado em 280 milhões para 1921.

Falta ser aprovado no parlamento.

DE MADRID

O futuro gabinete será presidido por Maura?

MADRID, 21.

Nos circulos politicos bem informados supõe-se que em Outubro se formará um novo governo presidido por Maura.—(R).

Viagens ministeriais

MADRID, 21.

Esta noite partirá para Irun o ministro da guerra, que vai esperar sua filha que vem de Londres, onde tem estado a educar-se num colegio. O ministro tenciona regressar no sabado a Madrid.

Romanones partiu para o estrangeiro, onde se demorará até meados de Setembro. — (R.).

As relações economicas entre a Romenia e a Yugo-Slavia

Construcção de um caminho de ferro

PARIS, 21.

Os governos da Romenia e da Yugo-Slavia estudam a construção de uma grande rêde ferro-viaria que uniria a Romenia ao Adriatico, passando pela Yugo-Slavia. E' necessario construir uma ponte sobre o Danubio e uma linha ferrea que permita intensificar as relações económicas entre os dois paizes e consolidar de uma maneira geral a sua economia. — (R.).

SOMBRINHAS DE FANTASIA LEQUES **76** BENGALAS DE MALAGA VENTOINHAS
RUA NOVA DO ALMADA

AS GRANDES REPORTAGENS

O PRESIDENTE HARDING, ENTREVISTADO POR UM JORNALISTA FRANCÊS FALA DA SITUAÇÃO ECONOMICA DOS ESTADOS UNIDOS

A CORTEZIA AMERICANA — A SUPER-PRODUÇÃO E A ALTA DO "DOLLAR" — TRÊS MILHÕES DE DESEMPREGADOS — A QUESTÃO DO DESARMAMENTO — O AMOR PELA FRANÇA

O jornalista francês André Garnier teve uma entrevista com o presidente Harding, em que passa toda a finura do homem de Estado e do homem de negocio que se esconde em todo o americano.

O presidente dos Estados-Unidos recebe todas as semanas mais de cincoenta jornalistas e responde ás preguntas mais insolitas conforme entende conveniente.

Um dia em que um reporter o interrogou sobre o problema irlandês, respondeu-lhe:

—Fale-me de outra coisa e não me obrigue a ser incorrecto.

A estas recepções que se sucedem de cinco em cinco minutos é destinado o tempo entre as 10 h. da manhã e o meio-dia e meia hora, mas não são entrevistas propriamente e a ninguem é permitido reproduzir as opiniões de Harding em estilo directo.

O presidente porêm, antigo jornalista e ainda hoje proprietario director do *Marion Daily Star*, sabe disfarçar a dificuldade e ele proprio indica aos jornalistas a maneira mais conveniente de reproduzir as suas palavras.

Quando André Garnier entrou na Maison Blanche faltavam 10 minutos para a hora que lhe tinha sido marcada, 1,10. A' 1,12, o presidente mandava pedir desculpa de o fazer esperar um pouco. A' 1,15 era recebido.

E diante desta prova de extrema delicadeza, insensivelmente somos levados a comparar a significação que os americanos atribuem á sua dignidade e a que lhe dão não só os nossos ministros, chefes e subchefes de repartição, mas parece que os de toda a Europa.

De entrada, Harding falou dos franceses e dum reporter vagabundo francês que corria os Estados Uuidos por prazer, hoje aqui, ámanhã ali, que ele em vão tentou reter no seu jornal, e que, ao fim de dois meses, desapareceu numa tarde em que tinha sido pago...

Depois da situação economica dos Estados Unidos: Ha uma crise derivada da super-produção e da alta demasiada do dollar. Super-produção no algodão, nas carnes, e até nos produtos agricolas.

Assim, os Estados Unidos, para activarem a circulação e fazerem face ao perigo de três milhões de desempregados, consideram que é do maior interesse abrir creditos aos estrangeiros e provocar uma baixa razoavel do dollar.

Depois Harding falou da politica do partido republicaao que o elegeu:

A questão do desarmamento é importantissima e obtê-lo é o principal fim de todos os seus esforços.

Procura-se formar uma sociedade de nações, não uma aliança; esta palavra lembra a todos os americanos as famosas alianças que existiram até hoje, cujo principal fim era não manter a paz, mas armar os aliados até aos dentes. E por fim Harding, estendendo a mão ao jornalista francez disse estas palavras, que, apesar da ordem formal, foram escritas em estilo directo, sem temor de reprimenda:

—Gosto da França. Tenho o prazer de a conhecer, assim como muitos dos meus compatriotas. Como poderiam os americanos deixar de adorar o seu país?

DE INGLATERRA

A discussão á volta da proxima conferencia de Washington

Um artigo do jornal japonês "Asahai" — O senado americano terá um representante na conferencia — Lloyd George tambem assistirá—Discutir-se-ha a questão do Pacifico

(*Serviço especial para o* Diario de Lisboa)

LONDRES, 21.

O correspondente do «Times» em New York diz que o artigo de fundo do jornal japonez «Asahi» tem sido largamente discutido nos Estados Unidos. E' evidente, que o Japão não deseja que a questão da ilha de Yap e de Shantung seja objecto de discussão na conferencia de Londres.

O barão Hayashi diz que o Japão acolhe com agrado a idéa do desarmamento mas que deseja saber o que se entende por questão do Pacifico para a poder discutir.

O presidente Harding, decidiu que o senado seja representado na delegação americana, por motivo das suas responsabilidades nas relações externas. Parece definitivamnte resolvido que Lloyd George assistirá á conferencia de Washington. O «Cape Times» tem esperança de que o general Smuths será tambem convidado para assistir á mesma conferencia. Os pontos preliminares da questão do Pacifico foram discutidos na reunião dos delegados do Imperio britanico.—(U. P.)

Emir Fayçal será rei da Mesopotamia?

LONDRES, 21.—O conselho provisorio da Mesopotamia decidiu aceitar o emir Fayçal como rei, mas o governo britanico deseja que esta decisão seja aprovada por um voto popular.—(U. P.)

As novas regulamentações policiais

LONDRES, 21.—As novas regulamentações policiais permitem que se possa beber durante as ceias, até á meia noite.—(U. P.)

A resolução do conflito irlandês

LONDRES, 21.—Lloyd George submeterá hoje ao gabinete inglês as propostas de paz feitas ao sr. De Valera.—(U. P.)

Inauguração de uma estatua a Eduardo VII

LONDRES, 21.—O rei Jorge inaugurou a estatua equestre do rei Eduardo VII, na Praça de Watterloo.—(U. P.)

O ESTUDO DO LATIM

O PROJECTO DE LÉON BÉRARD FOI RECUSADO POR SESSENTA PROFESSORES DA UNIVERSIDADE

Os homens de sciencia preocupam-se neste momento com o futuro da intelectualidade francesa

O projecto de Léon Bérard, que tornava obrigatorio o estudo do latim para todos, foi recusado pelos sessenta professores da Faculdade de Letras, excepto por cinco, que se abstiveram de votar.

Na ordem do dia votada, a Faculdade entende que não é agora ocasião de voltar ao antigo sistema, retrogradando em lugar de avançar; desenvolver mais o estudo da antiguidade classica equivaleria a dar menos importancia ás humanidades modernas, e não é hoje, quando a America proclama que a cultura franceza sintetisa tudo que a antiguidade produziu de melhor e a adopta nas proprias escolas, que a França vai destruir a propria obra.

Ferdinand Brunot expoz depois a situação em que se encontra a Faculdade, que deu origem ao projecto de Léon Bérard.

Não é o metodo que é mau, nem o pessoal docente; os alunos que a frequentam é que não teem a mentalidade á altura do que se lhes exige.

Para remediar este mal ha um meio: a democratisação do ensino, indo buscar as inteligencias de *élite* onde quer que elas se encontrem, abrindo as escolas aos inteligentes e não aos que teem dinheiro, venham de que classe da sociedade vierem.

E' desta resolução que depende o futuro da intelectualidade franceza, que neste momento está preocupando os homens de sciencia.

DA RUSSIA

A Europa inteira conspira contra os "soviets"

Assim escreve o jornal "Izvestia"

PARIS, 21.

No jornal «Izvestia», Stekloff, referindo-se á mobilização russa, acusa a Europa inteira de conspirar contra os «soviets». Acusa a Inglaterra de ter detido a delegação bolchevista em Constantinopla e de apoiar os movimentos japoneses na Siberia. Acusa tambem a Liga das Nações de pretender intervir na Russia. Vamos a ver qual finalmente rirá, diz êle no final do artigo. — (R.).

O governo japonês não quere reconhecer o governo dos "soviets"

e nem responde a uma nota bolchevista

PARIS, 21.

Por ordem do governo japonês o general Koakami chegou a Valdivostok. Declarou que o governo japonês não reconhecia os bolchevistas e que, se êstes enviarem uma nota a Tokio, o governo japonês não se dará sequer ao incnomodo de lhe responder. — (R.).

Algarvia, L.da
Importadores e Exportadores
OLHÃO

"Diario de Lisboa"
Encontra-se á venda em todos os quiosques e tabacarias.

Além-mar

O vapor "Granja" não pode ser cedido para o serviço da provincia de Angola

Foi comunicado telegráficamente ao Alto Comissário em Angola, que o vapor «Granja» não póde ser cedido áquela provincia, em vista de ser o unico barco que está nas devidas condições de poder fazer o serviço de cabotagem entre Lisboa e Porto.

A chefia dos serviços de saude em Angola

Foi exonerado de chefe dos serviços de saude de Angola, visto ter sido aposentado, o coronel-medico sr. Maia Leitão.

Cruzador "Republica"

Saiu de Ponta Delgada, com destino ás ilhas das Flores, Corvo, Faial e Terceira, o cruzador «Republica».

As eleições em Moçambique

O sr. José Pires Correia, desistiu da sua candidatura pelo circulo de Moçambique.

A GARRETT
Pâtisserie et Restaurant
Table d'Hôte
Service à la Carte
Five ó clock tea
Lunchs et Soirèes
ORQUESTRA IBERIA
sob a direcção do eximio violinista
JOAQUIM ROIG

S.I.C.
Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops
Pedir sempre os chocolates
S.I.C.

Ultimas Noticias

DE HAYA

Morte do comandante militar de Amsterdam

HAYA, 21.—Os rendimentos publicos holandeses no semestre findo foram de mais dois milhões que no semestre precedente.

O general Fabrus, comandante militar de Amsterdam, faleceu.—(U. P.)

DA RUSSIA

Existem em Moscou 328 mil funcionarios sovietistas

Na região do Volga faltam, este ano, dois milhões de toneladas de trigo sendo o "déficit" da colheita em toda a Russia de 3.840.000 toneladas

PARIS, 21

As noticias vindas da Russia dão a situação ali como horrorosa. Na região do Volga devem faltar dois milhões de toneladas de trigo e para toda a Russia o deficit da colheita atinge um numero formidavel de 3.840:000 toneladas de trigo. E' curioso notar que este numero é precisamente aquele que o governo dos soviets se propunha cobrar nos seus impostos de generos, introduzidos recentemente por Lenine.

Os camponeses dispersam, o gado morre; se se não socorrer a Russia, a ruina será completa, porque na primavera proxima não haverá braços para cultivar as terras negras.

Os funcionarios dos soviets, em Moscow, são em numero de 328 mil, o que é quasi um quarto da população da cidade.

O "Ekononitcheskaia" diz que os ateliers das fabricas de Pontel estão fechadas, e os operarios foram espalhados pelas varias fabricas que ainda manteem uma laboração restrita, mas a maior parte desses operarios foram empregados em trabalhos agricolas. — (R.)

Custodio dos Dôres

Sai hoje na «Ordem da Policia» a portaria que manda trancar o castigo aplicado ao agente Custodio das Dores, quando da visita dos reis da Belgica.

DE PARIS

Os alemães pagam mais 31 milhões de marcos-ouro

Um novo pagamento no valor de 41 milhões — Em Genebra constituiu-se um "comité" universitario para socorrer os sabios e os artistas russos

PARIS, 21. — O govêrno alemão pagou á comissão de reparações mais 31 milhões de marcos-ouro, em moedas europeias, e anunciou para breve um novo pagamento de 41 milhões de marcos em ouro, feito na mesma moeda.—(R.)

No dia 15 de Julho constituiu-se em Genebra, sob a presidencia do professor Fullikuet, medico da Universidade de Genebra, um 'comité' universitario suiço para socorrer os sabios e os artistas russos. Este 'comité' trabalhará em estreita colaboração com o 'comité' francês de Paris e o 'comité' central de Helsingfors.—(R.)

A questão dos milicianos

Os alunos da Escola de Guerra resolvem não fazer exames

Os alunos da Escola de Guerra resolveram hoje não fazer exames. Procuraram no ministerio da guerra o tenente-coronel sr. Freiria, a quem deram todos os poderes para tentar resolver o conflito junto do ministro da guerra.

GOTA
Tratamento hidro-mineral — Lamas radio-activas—Mecanoterapia
ESTORIL — TERMAS

Bolsa de Lisboa

Dia 21

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	42.70
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	42.80
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0/0 1905	10 70
4 0/0 1888	19.50
4 0/0 1890 coup	—
4 1/2 1888/89 ass.	54.
4 1/2 1889 coup.	—
5 0/0 1909 coup.	—
4 1/2 1912 ouro	—
5 0/0 1917	—
3 0/0 externas 1.ª série	159
3 0/0 » 2.ª »	—
3 0/0 » 3.ª »	160.
Acções	
Banco Colonial Português port.	—
Banco Colonial Português cop.	142.
» Comercial de Lisboa	257.
» Economia Portugueza	91.50
» Nacional Ultramarino (ass.)	215.
» » » (coup.)	233.
» Lisboa & Açores	—
» Portugal	415.50
» Minho	245.50
» Português e Brasileiro	127.
C. G. de Credito P. Português	35.50
Lezirias Tejo e Sado	3.730.
C. N. Navegação	125.
C. Fosf. (coup.)	82.
C. Tabacos Port. (coup.)	226.50
Portugal e Colonial	106.50
Cabinda	7.75
Buzi	47.50
Ilha do Principe	194.5
Moçambique	—
Zambezia	—
Companhia do Boror	—
Obrigações	
Atravez d'Africa	—
Benguela, titulo 1.	158.
Benguela, titulo 5.	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.ª serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 °/o, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 °/o, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	190.
União dos Proprietarios	—

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	39$00	42$00
s/Londres cheque	7 1/4	7
» 90 d. v.	7 3/8	—
Rio s/Londres	6 13/16	
s/ Paris	710	735
s/ Italia	415	430
s/ Belgica	695	720
s/ Suissa	1510	1570
s/ Espanha	1180	1220
s/ Berlim	120	125
s/ Holanda	2900	3000
s/ Nova York	9200	9540
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	—	—

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s/Paris	46,37
» s/Londres	28,00
» s/New-York	359,4
» s/Berlim	10,29
Paris s/Londres	—
» s/Madrid	—
» s/Genebra	—
» s/Berlim	—
Londres s/Paris	—
» s/Roma	—
» s/New-York	—
» s/Berlim	—
» Amsterdam	—
» s/Genebra	—
» s/Belgica	—
» s/Suecia	—
» s/Austria	—

MEIAS, PEUGAS E CAMISAS
Grande baixa de preços!!!
Meias de algodão a 1690, 1890, 2490 e 3790 réis!
„ „ sedaline a 4490, 5490, 6490 e 7490 réis!
„ „ musseline a 6490 e 7490 réis!
„ „ seda a 8490, 9490, 12.490 e 13.490 réis!
„ „ seda (saldo) a 4490 e 7490 réis!
10.800 pares de meias, bom algodão, preto, branco e cabedal, a 2.000 réis!!!
Peugas de bom algodão, a 1490 e 1890 réis! Peugas de fantasia, a 2490, 3000 e 3790 réis! Peugas, fio de Escocia, a 4390 e 5490 réis!
GRANDE SALDO!
Camisa, colarinho, punhos e uma gravata 12.500 rs.!!
Grandes abatimentos em todos os muitos artigos da casa!
CAMISARIA MODELO
RUA DO OURO, 116, 117, 119—LISBOA
PREÇOS DE OCASIÃO!

FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

S. CARLOS Companhia REY COLAÇO ROBLES MONTEIRO
HOJE A's 9 e meia ENTRE GIESTAS
Brilhante desempenho — Artistica ensecenação
ÁMANHÃ—Recita de homenagem a CARLOS SELVAGEM autor da ENTRE GIESTAS
BREVEMENTE — Para estreia de MARIA JUDICE DA COSTA o original português de Vasco Mendonça Alves—SEDUTORES